

A monogamia como dispositivo de opressão das colonialidades de gênero e do amor na obra Entre l'arbre et l'écorce, de Françoise Loe-Mie

José Barreto Romariz dos SANTOS JUNIOR¹

Introdução

Na sociedade colonial da Guiana Francesa, segundo os Arquivos Nacionais/Fundos da Colônia, praticamente não há registros das existências femininas, uma vez que as mulheres usavam, de acordo com a pesquisa realizada por Ronsseray (2008), muito comodamente dois ou três maridos. A partir do momento que se casavam, as mulheres assumiam o nome do marido e somente o homem era visto enquanto um ser social. Para Polderman (2004), as mulheres na colônia eram antes de tudo um corpo que pertencia a um homem, elas eram mulher ou filha de um homem, eram silenciadas, dominadas e tinham suas existências apagadas para dar destaque ao poder e a existência masculina. Dessa maneira, não havia liberdade para essas mulheres e suas existências dependiam de uma relação submissa ao sujeito detentor do poder patriarcal, isto é, homens brancos eurocentrados.

Assim, percebe-se que o fato de as mulheres usarem comodamente mais de um marido, não significa que elas os usavam para satisfazer seus desejos pessoais, mas sim para garantir suas existências, mesmo que esta fosse subjugada em sociedade e, conseqüentemente, não consideradas relevantes para integrarem os registros históricos. Partindo desses dados, compreende-se que a monogamia vem sendo utilizada desde a invasão/colonização como um dos principais dispositivos de opressão dos corpos femininos.

Nesse período da história guianense, a diversidade religiosa, epistêmica, linguística e cultural desse território foi assolada pela visão de mundo eurocentrada e até mesmo violentamente exterminada para que ele se tornasse essencialmente francês, partindo de processos de assimilação (MAM LAM FOUCK, 2006) dos modos franceses de ser, existir e estruturar as diversas esferas sociais que constituem a sociedade moderna/capitalista/colonial. Nessa perspectiva, como é evidente na obra de Françoise Loe-Mie, entende-se que a monogamia compõe, juntamente com o machismo, o patriarcado, o sexismo, o binarismo de gênero, a cisgeneridade e a lgbtqiapn+fobia, a matriz de dominação, opressão e silenciamento de mulheres guianenses desde a invasão dos europeus até os dias de hoje.

Na obra *Entre l'arbre et l'écorce* (LOE-MIE, 2009), tem-se a sociedade guianense ricamente descrita, bem como fortemente criticada, tanto pela voz narrativa quanto pelas

¹ Professor de língua e literatura francesa no Centro Estadual de Língua e Cultura Francesa Danielle Mitterrand, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amapá-UNIFAP. E-mail: barretoromariz@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8272670453764616>

vozes das personagens. Dessa maneira, faz-se necessária uma breve contextualização desse território franco-latino-americano. A Guiana Francesa se localiza na parte setentrional da América do Sul, faz fronteira com o Suriname e o Brasil, mais especificamente o estado do Amapá. Durante a implementação do projeto europeu de genocídios e epistemicídios, esse território foi um dos primeiros a ser invadido/colonizado pela França nas Américas. A Guiana só deixa seu status colonial em 1946, por meio da lei 46-451 da Constituição Francesa que a institui enquanto Departamento Ultramarino (DOM²). No entanto, mesmo após o processo de descolonização e departamentalização o modelo social essencialmente europeu, francês, católico ainda estrutura a sociedade guianense, o que evidencia a perenidade do projeto colonial e a instituição da colonialidade como alicerce das práticas sociais da Guiana Francesa.

Consciente de todo o processo de invasão/colonização da Guiana e da ininterruptão do projeto colonial francês - uma vez que ele se estende à República colonial (BANCEL; BLANCHARD; VERGÈS, 2003) - Françoise James Ousénie Loe-Mie busca revisitar, por meio do conjunto de sua produção literária, a história colonial guianense, dando voz às personagens comumente silenciadas pelo projeto colonial, suas obras são compostas por um discurso crítico, ácido e disruptivo. Entre as obras até então publicadas pela autora, há 5 romances intitulados *Voile de misère sur les filles de Cham* (2003), *Entre l'arbre et l'écorce* (2009), *La complainte de la Nègresse Ambrosine D'Chimbo* (2013), *Pénurie de graines* (2016) e *Bains d'or* (2019); uma peça de teatro intitulada *Adé, la Majorine de l'Oyack* (2022) e uma coletânea de poemas que tem como título *Poésie piment, girofle et cannelle*³ (2004).

A obra aqui considerada como *corpus* de pesquisa e análise foi publicada em 2009, pela Editora Ibis Rouge e tem como título *Entre l'arbre et l'écorce*. Nessa obra, Loe-Mie leva o leitor a refletir sobre as estruturas sociais que se sustentam sobre as monoculturas, como por exemplo, relações monossexuais e monogâmicas. Na quarta capa do livro, na sinopse, o leitor já é informado que a narrativa se trata de uma crítica à sociedade crioula fortemente marcada pelo moralismo cristão, absorvido durante séculos de opressão, extermínio epistemológico, linguístico, cultural e religioso empreendido pelos europeus durante a invasão do território franco-latino-americano.

De forma muito breve, a obra *Entre l'arbre et l'écorce* é um romance que possui uma estrutura opaca (GLISSANT, 2020) e polifônica (BAKHTIN, 2022). O narrador é

² Em francês *Département d'Outre-Mer*.

³ Os títulos das obras citadas poderiam ser traduzidos em português como: Véu de miséria sobre as filhas de Caim (2003), Entre a árvore e a casca (2009), O lamento da negra Ambrosine D'Chimbo (2013), Escassez de sementes (2016); Banhos de ouro (2019); Adé, a Majorina do Oyack (2022) e Poesia pimenta, cravo e canela (2004).

heterodiegético (GENETTE, 2017), mas ele não pretende hierarquizar o discurso narrativo, dado que as consciências e as vozes das personagens permeiam o discurso narrativo ocupando quase o mesmo plano da voz narrativa. Assim, à vista disso, é possível compreender a obra enquanto um romance polifônico. A focalização (GENETTE, 2017) é interna e se direciona sobretudo a duas personagens femininas, Marie-Madeleine, a personagem principal e a Emmanise que é uma das pessoas com as quais Marie-Madeleine se envolve romântica e sexualmente, ambas as mulheres podem ser lidas como bissexuais.

Marie-Madeleine confronta todas as estratégias utilizadas pela sociedade para dominar seu corpo e silenciar sua voz. Apesar da personagem não afirmar ser não monogâmica, é possível lê-la assim em grande parte do romance, afinal ela se envolve com várias pessoas e cada um dos seus amantes tentará oprimi-la de alguma maneira. O mais interessante é que a própria Marie-Madeleine também reproduz violências e opressão, mostrando que ela não é um objeto sexual, um corpo subjugado ou uma voz silenciada, mas sim uma mulher que se envolve com quem ela desejar, que sabe impor sua voz quando necessário e confronta toda forma de opressão. Com seus erros e acertos, a personagem não é esvaziada de sua humanidade e de sua liberdade de existir fora dos muros limitantes do eurocentrismo.

A colonialidade na produção literária guianense de autoria feminina: rompendo com as monoculturas opressoras.

Este trabalho busca compreender de que maneira as monoculturas, inerentes ao projeto colonial francês ainda em curso na Guiana Francesa, são revisitadas na obra *Entre l'arbre et l'écorce* (2009), de Françoise Loe-Mie. Assim, tem-se como dados de análise os excertos dos Capítulos 1 e 4, pois nesses dois capítulos percebe-se de maneira mais evidente como o sistema de monoculturas é utilizado para oprimir as personagens femininas.

No Capítulo 1, há o encontro de duas personagens: Marie-Madeleine e Solinko. Entre outros laços que os unem está o fato de serem amantes e, por isso, há um longo diálogo entre eles. Durante todo o diálogo, Solinko, um homem guianense, negro, mas que morou muito tempo na França hexagonal, submeterá Marie-Madeleine a diversas estratégias de opressão, interseccionalizando o patriarcado, o machismo, o sexismo e a monogamia. Já no Capítulo 4, Emmanise, uma mulher negra guianense, é apresentada ao leitor e ele pode acompanhar outro longo diálogo entre Marie-Madeleine e sua amante. Enquanto no primeiro capítulo Marie-Madeleine é submetida a processos de dominação e opressão, no quarto capítulo é ela o sujeito opressor. Ela é vista, por Emmanise, como uma senhora a ser servida, uma fera que tem a amante como sua presa submissa.

O excerto a seguir foi recortado do Capítulo 1, onde Marie-Madeleine e Solinko travam um longo combate discursivo. O texto está entre parênteses, pois é a consciência de Solinko reagindo à determinação de Marie-Madeleine em não aceitar ter seu corpo oprimido e silenciado pelo seu amante. Essa é uma estratégia narrativa utilizada por Loe-Mie, uma vez que ao utilizar os parênteses, a estrutura hierárquica do romance é desfeita e a voz narrativa cede espaço para que as vozes e as consciências das personagens possam coabitar o discurso narrativo.

Solinko diz o seguinte, sem que sua amante tenha acesso ao seu discurso:

(Francamente, quando ouço essa mulher falar, eu realmente quero torcer o pescoço dela. Para lhe dar dois tapas na carinha tagarela... Ela tem sorte de eu ser pacifista. Eu a amo, é verdade, mas também a odeio tanto quanto a amo. Quem ela quer fazer acreditar que, sim, ela é livre. Ela deve ser completamente frígida e depois faz drama) (LOE-MIE, 2009, p. 16).⁴

De acordo com Fernandes (2022), o amor pode também ser um instrumento de dominação masculina. A violência física é utilizada desde quando os senhores brancos escravizavam corpos negros femininos e quando Solinko deseja torcer o pescoço de Marie-Madeleine e lhe dar dois tapas “na carinha tagarela” somente por ela não o amar como a moralidade do amor monogâmico receita, ele se inscreve no projeto de colonialidade do amor (AQUISE, 2022) e de gênero (LUGONES, 2020) que atravessam e estruturam a sociedade guianense.

Faz-se importante pontuar que não se busca desacreditar ou desconsiderar o amor monogâmico, busca-se, de fato, repensar as práticas coloniais que ele carrega consigo. Segundo Vasallo (2022, p. 32), nas sociedades modernas/capitalistas/coloniais, “como espinha dorsal [do amor monogâmico] estão a romantização do vínculo, o compromisso sexual, a exclusividade e o futuro reprodutivo”. Esse tipo de amor se impõe como um dos dispositivos utilizados pela colonialidade para oprimir, silenciar, controlar e ditar quais corpos e existências são dignos de amar e serem amados e quais devem ser destinados a objetificação, sexualização, manutenção do sistema capitalista e, sobretudo, manutenção do capitalismo sexual.

A colonialidade (re)faz constantemente suas estratégias e dispositivos de controle, desse modo, Aqise (2022) e Lugones (2020) partem da colonialidade do poder para repensar práticas sociais que não foram consideradas por Quijano (2007) ao cunhar a colonialidade do poder. Lugones considera a interseccionalidade entre gênero, classe e raça como um dos

⁴ Todas as traduções foram realizadas pelo autor, cabendo a ele, portanto, a totalidade da responsabilidade do processo de tradução.

elementos constituintes das matrizes de dominação empreendidas pela colonialidade do poder, já Aquisé (2022) considera o amor como um desses elementos constituintes que garante, portanto, a perenidade do projeto colonial sempre se revestindo de novos e diversos métodos de controle, silenciamento e opressão, bem como discursos violentos e contextos sociais de esfera pública e privada onde se aplicar esses métodos e discursos. Segundo Aquisé (2022, p. 45-46),

a colonialidade do poder foi imposta através de atos de violação da mulher para compreensão heterossexual, a imposição gênero, binarismo e monogamia. [...] O amor tornou-se o instrumento adoçante para a violência, que, como na Europa, para manter as mulheres dentro do casamento sob o jugo masculino, fazendo trabalho doméstico gratuito e reprodutivo como o ideal último de sua vida, ele deu a ilusão de ser uma livre escolha. Assim, a colonialidade refere-se não apenas à maneira como o poder age de fora produzindo dominação, mas é ensinado e aprendido e instalado na subjetividade dos grupos subjugados, que acabam assimilando-a e aceitando-a como válida e própria.

De acordo com Vassallo (2022), o amor e o ódio não são iguais. Eles são paradigmas relacionais distintos que tem como o amor monogâmico o agente responsável por estabelecer conexões entre eles. Equiparar amor e ódio é uma das estratégias do projeto colonial, ela é utilizada para manter o poder na mão dos sujeitos que ocupam o eixo central e norteador de uma relação amorosa e/ou sexual. Geralmente, é por meio de discursos como o de Solinko, quando ele afirma: “Eu a amo, é verdade, mas também a odeio tanto quanto a amo” (LOE-MIE, 2009, p. 16), que o amor monogâmico é utilizado para oprimir, sobretudo corpos femininos, negros e LGBTQIAPN+.

hooks (2021) afirma que o amor é ação e, para essa estudiosa do amor enquanto construção social, o amor possui vários ingredientes, entre eles: carinho, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso, confiança, honestidade e comunicação aberta. Vassallo e hooks compreendem o amor considerando os mesmos ingredientes e isso permite uma nova leitura dos relacionamentos românticos e/ou sexuais, uma leitura que rompe com a imagem dos relacionamentos poliamorosos que se tem construído em sociedade, visão negativa fundada em epistemes elaboradas a partir do patriarcalismo, machismo, racismo, sexismo, classismo e lgbtqiapn+fobia.

O poliamor, para Vassallo (2022), é muito mais como nos relacionamos do que com quantas pessoas nos relacionamos. Ele é a desarticulação da hierarquia que guia as relações sociais, garantindo ao homem o poder e o controle de como e de quem amar, como e com quem se envolver sexualmente, quem pode se envolver com mais de uma pessoa e com quantas pessoas se envolver. Nessa hierarquia, cabe ao homem a total liberdade de se envolver romântica e/ou sexualmente com quantas pessoas quiser e à mulher cabe o

esgotamento do seu corpo, pois ela é a responsável pelos cuidados do lar. É, também, a mulher que cabe a exclusividade sexual, uma vez que ela precisa garantir a continuidade da família nuclear padrão cisgênero heterossexual e a produção de mão de obra para o capitalismo.

Ainda sob as colonialidades do amor e de gênero, os dois próximos trechos também foram recortados do capítulo 1, isto é, do diálogo entre Solinko e Marie-Madeleine. Os dois trechos também são expressões das consciências das personagens e apresentam-se entre parênteses; desse modo, o primeiro é a materialização dos pensamentos de Solinko e o segundo os de Marie-Madeleine. Diferente do primeiro excerto acima apresentado, esses dois não são acessíveis somente ao leitor, uma vez que Marie-Madeleine, ao contrário de Solinko, tem acesso em alguns momentos ao que o amante pensa. Solinko diz o seguinte:

(Ouça-a, ela age como se eu fosse apenas um objeto de prazer, que ela só me usasse para honrar nossos sexos. Com certeza, ela é louca! Mesmo assim, não é uma prostituta que eu vejo! Aí, eu certamente aceitaria que as relações fossem apenas sexuais) (LOE-MIE, 2009, p. 18).

Marie-Madeleine reage ao pensamento do amante:

(Ouça-o, como se as prostitutas não fossem apenas mulheres. Mulheres, mães, que compreenderam o amor de forma diferente...) (LOE-MIE, 2009, p. 18).

A partir do que pensa Solinko, podemos perceber, segundo Lugones (2020), que ao mesmo tempo que o gênero é formado, ele também dá forma à colonialidade do poder. Quando Solinko afirma que caso Marie-Madeleine fosse prostituta, ele poderia vê-la sob a perspectiva do sexismo e da objetificação do seu corpo, ele reforça como a estrutura de poder está sob as mãos dos homens cisgênero heterossexuais, sobretudo homens brancos. Ele não entende que, como Marie-Madeleine deixa bem claro na discussão que travam: “uma mulher é feita como você! Ela também pode tomar! Ela também pode abusar de um homem, seduzi-lo apenas por sexo! Ela também pode brincar, pegar e depois virar as costas!” (LOE-MIE, 2009, p. 32).

No segundo trecho, em resposta ao pensamento de Solinko, Marie-Madeleine diz: “como se as prostitutas não fossem apenas mulheres. Mulheres, mães, que compreenderam o amor de forma diferente”. Essa compreensão de amor, provavelmente, pode estabelecer conexões com a maneira como hooks (2021) o compreende. O amor é muito mais amplo e diverso do que o sentimento e ação que as fronteiras rígidas do amor monogâmico insistem em controlar.

Solinko estabelece uma escala de corpos que podem ser amados e os que são restritos aos espaços de outridade. Ele nega ver Marie-Madeleine como uma prostituta, pois deseja tê-

la sob seu domínio, presa sob as regras morais do patriarcado. Para ele, mesmo a amante desejando se entregar somente por desejos sexuais, ela ainda é uma mulher. Dessa maneira, no discurso de Solinko, as prostitutas são esvaziadas de tudo o que as garante ser mulher, ser humana, pois, dentro da escala criada pela personagem de Loe-Mie, elas estão distantes da moralidade, das regras que as colonialidades impõem por meio da monogamia e do amor monogâmico.

Ainda no Capítulo 1, após a relação sexual, Solinko diz o seguinte a Marie-Madeleine: “Mas responde... Vem, vem meu amor, conte-me tudo” e Marie-Madeleine responde: “Ok, pare, pare. ‘Marie-Madeleine’ é o suficiente, por favor!” (LOE-MIE, 2009, p. 30). Desde o início do diálogo, Marie-Madeleine avisa que se sente mais confortável com Solinko chamando-a pelo seu nome, mas também desde o início ele tenta chamá-la por palavras carinhosas, que não servem para nada além de forçá-la a aceitar e corresponder o amor monogâmico que ele tenta impor.

Mais adiante na discussão, Solinko a questiona: “Quer dizer que é só por prazer, que você se entrega sem amor, só por sexo?” (LOE-MIE, 2009, p. 31). Marie-Madeleine responde já afirmando seu posicionamento face ao amor monogâmico frequentemente imposto somente às mulheres, uma vez que os homens se sentem mais livres para trair e se desfazer dos acordos estabelecidos pelo casal, afinal, a colonialidade garante o poder deles articularem suas relações monogâmicas juntamente com outras relações amorosas e/ou sexuais, controlando toda uma rede de relações que beneficiam essencialmente os homens.

Marie-Madeleine ainda diz o seguinte a Solinko: “Sim. Por que devemos necessariamente amar para passar ao ato e recomeçar?” (LOE-MIE, 2009, p. 31). Em oposição ao que a mulher pensa, em seguida, Solinko, enfim, enuncia o que ele gostaria de dizer desde o início do diálogo com sua amante: “uma mulher não pode se entregar sem amor. Um homem sim, mas não uma mulher! Uma mulher deve primeiro amar para se entregar”. Para hooks (2022, p. 209), a maioria dos homens negros procura uma “mulher tradicionalmente feminina, conforme definida pelo pensamento machista, que subordina sua vontade à do homem, que vive para agradá-lo”. Assim, é inadmissível para Solinko o fato de Marie-Madeleine ser livre e questionar enfaticamente o seu poder.

É possível compreender, por meio do diálogo das personagens, como as colonialidades de gênero e do amor estruturam de forma hierarquizada as relações sociais, que sejam elas amorosas ou sexuais, pois para que a relação seja considerada saudável, há sempre dois caminhos tradicionais e inerentes ao projeto patriarcal/colonial: desenvolver um

relacionamento monossexual, binário, cisgênero, de caráter essencialmente reprodutivo e estabelecer laços de fidelidade rígidos, inflexíveis.

O amor monogâmico pode ser usado como instrumento de dominação quando a monossexualidade e a fidelidade são impostas a somente uma das pessoas envolvidas na relação amorosa e/ou sexual. Para o projeto colonial patriarcal machista sexista monogâmico, a mulher precisa ser submissa ao homem, precisa possuir características femininas traçadas pela moralidade branca europeia cristã. Nesse tipo de amor, não há espaço para os corpos femininos repletos de toda a sua diversidade, há espaço somente para o objeto no qual eles são transformados pelo amor e o ódio monogâmico.

No excerto a seguir – recortado do Capítulo 4 onde se tem a apresentação de Emmanise e o relacionamento sáfico que ela tem com Marie-Madeleine – o narrador, ao apresentar o relacionamento das personagens, descreve Marie-Madeleine da seguinte maneira:

Marie-Madeleine, como alguns entre nós, vivia o amor fisicamente, enquanto outros o viviam espiritualmente rezando todos os dias para não sucumbir às suas fantasias. Ela, ela havia superado todas essas barreiras erguidas pela moral, pela religião e pelo ditame dos homens. Como todo homem, ela havia entendido que podia amar várias pessoas ao mesmo tempo. O que é mais natural do que o amor? (LOE-MIE, 2009, p. 55)

A personagem é descrita como uma mulher que sabe quem detém o poder em sociedade e quem dita as regras morais que fundam a monogamia. Segundo Vassallo (2022, p. 85), “quebrar a monogamia não é para aquelas que se envolvem com quem desejam [...] é para a garota abandonada no terceiro mês de gravidez, para as sapatonas de cidades pequenas, para as que passaram dos quarenta, para as soropositivas, para as bichas da escola, para as pessoas trans”. Quebrar a monogamia é urgente, pois no seu cerne está a heterossexualidade compulsória, o binarismo de gênero, a cisgeneridade, o sexo enquanto meio de reprodução, o capitalismo emocional e sexual. Assim, corpos e identidades femininos, negros e LGBTQIAPN+ como os de Marie-Madeleine e Emmanise só são aceitos pela monogamia quando submetidos aos espaços de outridade, espaços controlados pela colonialidade.

Quebrar a monogamia não significa buscar se relacionar com várias pessoas ao mesmo tempo, mas sim poder escolher quem se quer ao lado, como se quer construir uma relação afetuosa e sobretudo buscar o amor em ação. Marie-Madeleine, apesar de se relacionar com várias pessoas ao mesmo tempo, não desenvolve relacionamentos poliamorosos, pois assim como ela não responde ao amor monogâmico, ela também não responde ao amor em ação, que busca desfazer a hierarquia amorosa, isso a faz oprimir Emmanise.

A opressão de Marie-Madeleine é uma reação às exigências monogâmicas de Emmanise. Em um momento em que as personagens estão se envolvendo sexualmente,

Emmanise diz o seguinte a Marie-Madeleine: “Marie-Madeleine... Marie querida..., diz-me que me amas, diz-me que me amas... diz-me...”. Em resposta, com mais afeto do que quando Marie-Madeleine fala com Solinko, ela responde: “Emmanise não chore... Não Emma, sem lágrimas! Não faça isso, sem lágrimas. Emmanise, espere, pare. Pare, eu lhe digo. Por quê ? Por que você faz isso? Não estamos bem aqui?” (LOE-MIE, 2009, p. 67). Emmanise sabe que Marie-Madeleine se relaciona com outras pessoas além dela, mas ela não tem nenhum contato com essas pessoas.

De acordo com Vassallo (2022), é a relação entre os meta-amores que caracteriza um relacionamento não monogâmico. Por não ter nenhuma relação com os homens com quem Marie-Madeleine se envolve, Emmanise não se sente confortável na relação, ela não se sente em segurança, se sente ameaçada pela presença de outros amores coabitando seu relacionamento com Marie-Madeleine. Como, no imaginário social, somente a monogamia possibilita os sujeitos se sentirem seguros em seus afetos, Emmanise passa a cobrar o amor monogâmico de Marie-Madeleine, assim como Solinko também o cobra.

Marie-Madeleine se envolve amorosa e sexualmente com seus amantes, mas somente ela pode decidir em que momento se encontram; dessa maneira, é ela quem articula o poder, é ela que está no topo da hierarquia dessa rede de relações. A personagem ao mesmo tempo que luta contra o sistema opressor da colonialidade também o reproduz, pois ele atravessa todos os seres sociais. A colonialidade estrutura as sociedades de forma vertical, invadindo até a menor esfera social possível.

Considerações Finais

Para Nunez, Oliveira e Lago (2021, p. 85), “a colonialidade é um sistema de monoculturas: monossexualidade, monoteísmo, monogamia”. A colonialidade, lida partindo dos termos de Glissant (2021), é transparente e globalizante, assim, para ela, nenhuma outra forma de se relacionar pode existir, pois elas ameaçam as estruturas patriarcais, machistas, sexistas e capitalistas que se imbricam à construção e à manutenção dos afetos.

Assim, por meio da obra de Loe-Mie, percebe-se que é preciso pensar, como o feminismo interseccional nos alerta, na intersecção existente entre os diversos dispositivos de manutenção do poder colonial. A colonialidade do amor, enquanto um desses dispositivos, utiliza a monogamia como seu principal instrumento de manutenção da hegemonia do poder colonial que dita quais corpos e existências são aptos ao amor monogâmico, idealizado, eurocentrado e essencialmente enraizado em preceitos moralizantes da religião.

REFERÊNCIAS

- AQUISE, Norma Mogrovejo. *Contra-amor: descolonizar el amor y la política de los afectos*. In: GARCIA, Héctor P. et al (org). **(Re)flexionar la colonialidad del poder desde América latina**: homenaje a la vida y obra de Anibal Quijano. México: UNAM/Fides Ediciones, 2022.
- BAKHTIN, M. **Problemas da obra de Dostoiévski**. São Paulo: Editora 34, 2022
- BANCEL, Nicolas; BLANCHARD, Pascal B. et VERGÈS, Françoise. **La République coloniale: essai sur une utopie**. Paris: Éditions Albin Michel, 2003.
- DELISLE, P. **Catholicisme, esclavage et acculturation dans la Caraïbe francophone et en Guyane au XIXe siècle**. Matoury: Ibis Rouge Editions, 2006.
- FERNANDES, Rhuann. **Negritude e monogamia**: as micropolíticas do amor. Rio de Janeiro: AFRICAS/FAPERJ; Autografia, 2022.
- GLISSANT, E. **Poética da relação**. São Paulo: Bazar do Tempo, 2021
- GRANGER, Stéphanie. La Guyane, une région ultrapériphérique en quête d'intégration. In: MAM LAM FOUCK, Serge (org). **Comprendre la Guyane d'aujourd'hui**: un département français dans la région des Guyanes. Matoury: Ibis Rouge Éditions, 2007
- HOOKS, bell. **A gente é da hora**: homens negros e masculinidade. São Paulo: Editora Elefante, 2022.
- HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Editora Elefante, 2021.
- LOE-MIE, Françoise James Ousénie. **Adé, la Majorine de l'Oyack**. Guyane : Ibis Rouge Édition, 2022.
- _____. **Bains d'or** Saint-Denis/Réunion : Éditions Orphie, 2019.
- _____. **La complainte de la Négrresse Ambroisine D'Chimbo**. Matoury : Ibis Rouge Éditions, 2013.
- _____. **Pénurie de graines**. Saint-Denis/Réunion : Éditions Orphie, 2016.
- _____. **Poésie piment, girofle et cannelle**. Matoury : Ibis Rouge Éditions, 2004.
- _____. **Voile de misère sur les filles de Cham**. Guyane : Ibis Rouge Éditions, 2002.
- _____. **Entre l'arbre et l'écorce**. Matoury: Ibis Rouge Editions, 2009
- LUGONES, M. **Colonialidade e Gênero**. In: HOLLANDA, H. B. (org) Pensamento feminista hoje : perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro : Bazar do Tempo, 2020, p. 52-83
- NUÑEZ, Geni; OLIVEIRA, João M; LAGO, Mara C. S. **Monogamia e (anti)colonialidade**: uma artesanaria narrativa indígena. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFJF, v. 16, n. 3, dezembro 2021, p. 76-88
- POLDERMAN, Marie. **La Guyane française 1676-1763**: mise en place et évolution de la société coloniale, tensions et métissage. Guyane: Ibis Rouge Editions, 2004
- RONSSERAY, C. Entre pouvoir, argent et traditions familiales : le rôle des femmes dans l'ascension sociale des administrateurs coloniaux en Guyane française au XVIIIe siècle. In:

Outre-mers, tome 95, n°358-359, 1er semestre 2008. 1958 et l'outre-mer français. pp. 187-204. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/outre_1631-0438_2008_num_95_358_4324. Acesso em: 28.11.2022.

VASALLO, Brigitte. **Desafio poliamoroso:** por uma nova política dos afetos. São Paulo: Editora Elefante, 2022.